

O Hipster revisitado: uma reflexão propositiva

Revisiting the Hipster: a propositional reflection

Rodrigo César Tavares CAVALCANTI¹
Leonardo Mohandas Pantoja de AQUINO²

Resumo

Os registros sobre o Hipster são questionáveis por defini-los de maneira satírica em várias publicações midiáticas e até em livros. Já os acadêmicos, apesar de certas inconsistências, são mais claros em identificá-los como pessoas que utilizavam o consumo para se afirmar ou viver de determinada maneira. Diante disso, o objetivo deste artigo fez uma reflexão contributiva às constatações acadêmicas sobre o Hipster a partir de fatores metodológicos e teóricos. O caminho investigativo foi o de analisar o artigo de Cavalcanti (2019) em que o Hipster era caracterizado por meios científicos e estudar o conflito entre as categorias e o modo com que os autores utilizados constroem o objeto, sendo possível entender as limitações do conhecimento e identificar uma operação cultural que chamamos de práticas culturais soberanas. Conclui-se que a construção do Hipster tem vieses e lacunas, mas que ainda permite entender a contribuição das práticas culturais de consumo observadas.

Palavras-chave: Hipster. Cultura. Soberania Cultural.

Abstract

The Hipster definitions are questionable due to a satirical tone used by the media. In the other hand, scientific articles are considered more accurate and defines the phenomenon as people who used consumption as a way to determinate themselves and create specific lifestyles. Aligned to this, the objective of this article is to make a contributive reflection to the academic affirmations about the Hipster considering methodological and theoretical decisions used in scientific documents. The article of Cavalcanti (2019) was studied due to the affirmations about the Hipster and its different analysis paths made by different authors. The conclusion points to misunderstandings about the object and to a possible general assumption about cultural practices around the Hipster operations.

Keywords: Hipster. Culture. Cultural Sovereignty.

¹ Doutor em Administração. Professor substituto na UFPE. E-mail: rodrigoc.pesquisa@gmail.com

² Doutorando em Administração pelo PROPAD-UFPE. E-mail: professor.mohandas@gmail.com

Introdução

O jornalista Dan Fletcher (2009), na cultuada revista Times, descreveu os Hipsters de maneira caricatural. Fala deles como pessoas que assistiram filmes que ninguém viu, que lutam para parecer que não se importam com opiniões alheias e que agem como rebeldes da individualidade. Termina o artigo definindo-os como recicladores de tendências passadas e peças de humor sem sentido. A matéria de Fletcher faz parte de uma visão anedótica (LACAYO, 1994; WAMPOLE, 2012; KURUTZ, 2013; LORENTZEN, 2007) que interpreta o Hipster de maneira descuidada. A confirmação desse tipo publicação é o Hipster *Handbook*, um livro inteiro no qual Lanham (2003) satiriza esse grupo.

A mídia é a uma das principais responsáveis por tornar o hipsterismo um assunto relevante por tê-lo divulgado amplamente (WAMPOLE, 2012; LORENTZEN, 2007). Há que se considerar que a mídia opera de maneira parcial, moldando o assunto de que tratam sob determinados vieses (BINDERKRANTZ, 2012). Então, pode-se afirmar que esse agente conta com procedimentos que formatam as conclusões e, conseqüentemente, afetam a construção do Hipster. Por adotar procedimentos não conhecidos, justifica-se a escolha por dados derivados de estudos acadêmicos e a postura cética diante do uso de dados jornalísticos. Por outro lado, leituras de cientistas, com seus olhares sistemáticos e métodos, apontam para leituras mais acuradas do fenômeno influenciadas por lentes teóricas e metodológicas.

Nesse sentido, Cavalcanti (2019) analisou a visão do Hipster do ponto de vista acadêmico, na tarefa de entender o objeto por uma lente menos caricatural que a midiática. O trabalho rendeu 11 categorias descritivas que, por sua vez, abriram a possibilidade de fazer novas análises sobre o Hipster. A partir dele, o presente estudo observou o conflito entre as categorias e o modo com que os autores utilizados constroem o objeto, sendo possível entender as limitações do conhecimento e identificar uma operação cultural que chamamos de práticas culturais soberanas.

O caminho seguido para se chegar nesse resultado teve três fases. Primeiro foram estudados os 11 artigos citados no estudo indicado (MALY; VARIS, 2016; PEREIRA; SENA, 2016; SOUSA, 2016; HILLS, 2015; MEDEIROS ET AL, 2015; MICHAEL, 2015; CRONIN ET AL, 2014; MURPHY, 2014; HENKE, 2013; NORBY, 2013; ARSEL;

THOMPSON, 2010), em seguida, foi feita uma reflexão sobre as contradições entre essas categorias e os procedimentos metodológicos e teóricos que as deram forma. Por fim, identificou-se nos artigos trechos com contribuições culturais do hipsterismo.

Considerou-se na análise de construção do Hipster visões como a de Morgan (2005), que considera que paradigmas orientam a racionalidade dos cientistas. Tais paradigmas funcionam de acordo com ideias sobre o que é realidade, com metáforas de pensamento que embasam análises e com processos de resolução problemas. De maneira semelhante, Creswell (2014) fala do uso de métodos e lentes teóricas as quais tem funções e potencialidades que tornam seus usos singulares. O método compreende opções como fonte de dados, maneiras de se abordar pessoas ou grupos e registro. As lentes teóricas dão os traços que caracterizarão a realidade investigada, assim como as interpretações que dela advém.

Categorias descritivas do Hipster e seus eixos temáticos

É importante conhecer a principal conclusão da pesquisa de Cavalcanti (2019) para que construamos nossa crítica. O autor buscou entender o que foi o Hipster a partir de artigos científicos que versavam sobre cultura e consumo. Os autores apresentaram o hipsterismo de maneira diversa, mas, com intersecções. As noções sobre o Hipster foram agrupadas por semelhanças e divergências e recompostas a partir do diálogo entre essas noções e a área. Como resultado foram construídas 11 categorias que descrevem o Hipster, sendo ainda organizadas em quatro eixos que apontam para temas de discussão dentro da cultura de consumo. A tabela 2 apresenta as categorias:

Tabela 2 – Eixos e categorias descritivas do Hipster

Eixo	Categoria	Descrição
Criações culturais de consumo	Manifestações criativas, artísticas e intensamente estéticas (C1)	Aponta para uma manifestação cultural artística, criativa, com traços de boemia. As criações Hipsters são tidas como estéticas e estilísticas; utilizam elementos de diversas culturas, até mesmo as obscuras, recriando-as em algo novo, próprio, que impacta até mesmo as características urbanas de onde vivem.

	Apropriação, mix ou reciclagem multiculturais (C2)	Aponta para criações de estilos de vida. Incluem-se processos de apropriação cultural e a mistura de elementos culturais diversos. Tais processos se mostram como úteis para construção de algo novo com uma marca própria. Assim, os Hipsters são tidos como pós-modernos e multiculturais.
	Invenção de tendências (C3)	Destaca as práticas de envolvimento com tendências de moda e estilo de vida, associadas a criações estéticas e artísticas. Os Hipsters são tidos como jovens conectados ao novo e às vanguardas nessas áreas. Relacionam-se com tendências de estilo próprio, utilizando elementos de várias culturas encontradas com ajuda das plataformas digitais.
	Criação, descoberta ou afirmação de si soberanas (C4)	O Hipster é descrito como alguém que se relaciona intensamente consigo mesmo. Buscam autenticidade, autodescobrimento, se voltam para sua individualidade e afirmam pluralidade de referências culturais nesses processos. Em paralelo, negam rótulos e imposições culturais feitas por outros grupos e instituições
Dinâmica e imagem sociais	Organização a partir de laços ou padrões socioculturais (C5)	Diz respeito a uma maneira peculiar de organização dos Hipsters. Apontamentos de que operam como subcultura, com um comportamento e crenças específicas, e, por vezes, comunitária. Fazem intervenções coletivas em ambientes urbanos e selecionam certas regiões para viverem de acordo com seus valores.
	Ocorrência fluida,	Os Hipsters são apontados como dinâmicos,

	dispersa ou plural (C6)	múltiplos e fragmentados. Dão forma a sua existência de maneira descentrada, em diversos locais do globo, utilizando-se de diversas culturas e recriações, com várias posições diferentes de manifestação histórica.
	Imagens fantasiosas, falsas ou estereotipadas (C7)	Sinaliza para interpretações e criações acerca do Hipster. Uma visão do fenômeno os tem como um mito de mercado. Ainda, mostra a operação do hipsterismo como geradora de criações fantasiosas como máscaras, identidades inautênticas ou apropriações de cultura vazias. Pode-se falar ainda da existência de estereótipos que os rebaixam e incitam ódio.
Espaços de existência	Existência provida pela mídia ou plataformas digitais (C8)	A atividade do Hipster é vista como consequência de veiculações midiáticas e das novas tecnologias da informação. Com as novas possibilidades de circulação da informação, constata-se que foi possível ter contato com as notícias sobre os Hipsters. Ainda, com informações sobre cultura que possibilitaram o consumo e recriação de estilos em várias localidades e diferentes momentos históricos pelos mesmos Hipsters.
	Valorização ou prosperidade da instância local (C9)	O Hipster valoriza iniciativas locais e fomento a transformação de instâncias urbanas. São práticas relacionadas a uma cultura criativa e de exaltação de produções em pequena escala as quais trazem algum tipo de elemento utilizável nas apropriações culturais típicas dos Hipsters. Também se mostra como repaginação de certas localidades, da qual faz parte a gentrificação.

Posturas Políticas	Vivência <i>mainstream</i> (C10)	Aponta a um estado de conformidade com o que está estabelecido socialmente. Refere-se ao alinhamento do que é hegemônico ou <i>mainstream</i> ; uma postura pró-mercado, com os setores mais ricos da sociedade e de estilo de vida norteados pelo neoliberalismo, o que gera críticas por não-hipsters. Também diz respeito ao uso da identidade Hipster pela publicidade.
	Fundamentos culturais, progressistas ou focados nas margens da sociedade (C11)	Essa categoria se refere ao hipsterismo como um movimento que se opõe a formações sociais hegemônicas. Uma ocorrência cultural de não-conformistas em relação a modos de vida padrão, com características vanguardistas, alternativas e que inclui o uso de elementos culturais obscuros. Coloca o Hipster na posição de contracultura, na forma de resistência de quem está nas margens da sociedade, seja como subjetividade, classe social ou orientação progressista. Também diz respeito ao apoio de pequenas iniciativas locais em contraponto às grandiosas e globais.

Fonte: Cavalcanti (2019)

O primeiro eixo, Criações Culturais de Consumo, se refere a construções simbólicas feitas a partir de elementos dispersos no mercado. O eixo seguinte foi intitulado Dinâmica e Imagem Sociais e aponta para a maneira de os consumidores utilizarem os produtos como extensões das pessoas, além de sua forma de operar socialmente. Já o terceiro eixo, Espaços de Existência, se refere a espaços que dão base e que influenciam a cultura no contexto do consumo. Por fim, tem-se o eixo Posturas Políticas, que diz respeito a ideologias e discursos que orientam o consumo.

As contradições entre as categorias: paradoxo ou sintoma?

Uma leitura crítica das categorias revela que algumas delas apresentam conflitos. Antes de discutirmos essas inferências, vale destacar o estudo de Henke (2013) que entende tais noções em conflito como parte de uma construção pós-moderna, com paradoxos sendo manifestações naturais de uma cultura fragmentada. Diferente de tal posicionamento, este artigo defende que tais conflitos são radicais demais para serem consideradas apenas diferentes elementos de um mesmo objeto. Elas impossibilitam a existência do Hipster como uma unidade, exigindo que existissem diversas subclassificações do hipsterismo para conciliar as diferentes orientações do fenômeno, o que não foi encontrado nos artigos levantados. Agora serão tratadas essas divergências inconciliáveis.

A primeira contradição encontrada se situa entre a criação e a afirmação do Hipster (C4) versus a constatação de criação fantasiosa (C7). Os achados apontam para o Hipster como alguém criativo, que constrói a si mesmo com traços artísticos, estéticos. Ao mesmo tempo, essas criações são tidas como expressão de uma instância individual, autocentrada e com diversas fontes culturais. Por outro lado, a categoria descritiva Imagens fantasiosas, falsas ou estereotipadas sinalizam para o Hipster como uma fantasia, um mito, algo vazio, que reforça muito mais algo que não existe do que uma manifestação cultural concreta. Como imaginar um autoconhecimento, uma manifestação do que se é sem afirmar que, de fato, algo existe para ser representado? Considerar o Hipster como um mito, algo fantasioso, tira dele a força de se expressar uma individualidade ou cultura que existe de fato.

Um segundo conflito observado nas descrições sobre o Hipster é a afirmação de individualidade criativa (C1) em contraponto com padrões socioculturais do hipsterismo (C5). Destaca-se que o Hipster se diferencia não só de outros grupos, mas das pessoas de maneira geral, compondo a si mesmo de maneira única, exaltando sua individualidade e autenticidade. Em outra direção, há a ideia de que o Hipster se identifica por um padrão social, com organização, cultura, comportamento e crenças manifestas de modo coletivista e homogêneo. O entrave é entre as afirmações individuais e de grupo que apontam, respectivamente, para o conflito entre o indivíduo singular e a coletividade padronizada.

O terceiro impasse se dá entre um padrão cultural (C5) e uma ocorrência fragmentada do Hipster (C6). De um lado tem-se a noção de um conjunto de elementos comuns que evidenciam uma cultura Hipster. Eles seriam identificáveis em diferentes regiões e situações por um conjunto de tendências organizativas e valores específicos. De outro lado, apresenta-se a ideia de que os Hipsters são dinâmicos, múltiplos e fragmentados; suas manifestações seriam descentradas, fluidas, dispersas e plurais. O conflito aqui acontece entre as afirmações de que o hipsterismo é uniforme e, ao mesmo tempo, fortemente diverso.

Nesse sentido, seria possível argumentar que eles são similares justamente na sua postura de se diferenciar. É o caso do artigo de Michael (2015), que considera os Hipsters como um caso de distinção nos termos de Pierre Bourdieu. Mesmo assim, a diferenciação é entendida considerando diferenças coletivas, o que tornaria o Hipster um fenômeno de grupo, com novos padrões grupais e não mais conectado a uma individualidade singular (como sinaliza a categoria Criação, descoberta ou afirmação de si soberanas), gerando outra contradição.

Ainda, a ideia de que o padrão emerge por uma operação de diferenciação individual se choca com a existência de algo como uma cultura Hipster (composta de organização e valores). Como indicam teóricos seminais (GEERTZ, 2008; WEBER, 2008; FOUCAULT, 2013), uma cultura não é feita de apenas uma pessoa isolada, mas por ações coletivas. E, se é uma questão coletiva, exclui a hipótese de constituição do Hipster sem semelhantes, sem um agrupamento e, assim, exigiria configurações entre pares alinhados, em bloco, e não tão fragmentados como fora descrito.

Portanto, uma das conclusões é a de que, nesses termos, é conflituosa a constatação do hipsterismo como homogêneo e heterogêneo ao mesmo tempo. Em todo caso, as discussões sobre o Hipster encontradas não dão conta dessa contradição. Portanto, para fins dessa pesquisa, o impasse de uma instância Hipster uniforme e fragmentada ao mesmo tempo é inconciliável.

A última contradição é entre o alinhamento com o que há de hegemônico (C10) e com o que está nas margens do contexto social (C11). De um lado, os Hipsters são vistos como manifestações de posturas neoliberais, consumistas e elitistas. De outro, há a noção de que o hipsterismo é uma resistência aos modos de vida padrão e estaria associado contraculturas, progressismo, estilos de vida alternativos e identidades

marginalizadas. Assim, o fenômeno teria de ser um reflexo do que está no centro e do que está na margem de uma macrodinâmica social.

Tendo em vista tais conflitos entre as categorias descritivas, faz-se necessária uma reflexão das conclusões feitas sobre os Hipsters. Diferente de paradoxos naturais de uma configuração social pós-moderna, constata-se um sintoma de que o hipsterismo foi entendido de maneira tal que pode ser contestada. O questionamento feito na seção seguinte será o de analisar que possíveis fatores podem ter influenciado nas definições do Hipster identificadas nos artigos analisados.

Observando as observações sobre o Hipster: métodos e lentes teóricas

Esta seção se debruça sobre como o entendimento sobre o Hipster fora construído. A análise é feita por meio de uma subseção sobre definições metodológicas, outra que se refere a proposições teóricas e, por fim, uma reflexão conclusiva sobre esses usos.

Considerações sobre as definições metodológicas

O primeiro ponto a se observar é que nem todos os artigos descrevem seus procedimentos metodológicos. Pode-se chegar a algumas conclusões analisando a introdução e determinados trechos, no entanto, nem todas as informações necessárias para uma análise acurada estão lá. Ressalta-se ainda que alguns desses trabalhos se mostram primordialmente como ensaios baseados em aportes empíricos e não como artigos teórico-empíricos.

Uma segunda consideração a ser feita diz respeito ao modo com que foram selecionados os entrevistados ou grupos observados de alguns desses artigos. Isso porque os Hipsters não se consideram como tal, até fogem do rótulo (ARSEL; THOMPSON, 2010; CRONIN ET AL, 2014; MICHAEL, 2015), assim constatou-se que os autores buscaram critérios alternativos ao da auto afirmação das pessoas analisadas, como a busca por indivíduos envolvidos com cenas culturais locais e produções de música indie. Na tentativa de resolver o problema, Cronin et al (2014) recorrem ao que chamaram de melhor julgamento possível e utilizaram como critério até mesmo o estereótipo do Hipster. Michael (2015) fala de jovens entre 20 e 30 anos, de classe

média, sustentados pelos pais, vanguardistas, consumidores vorazes e que seguem tendências. O fato de as pessoas não se considerarem Hipsters implicaram em outros critérios não muito precisos. Basta notar que cada autor seguiu sua própria definição do que seria o Hipster, o que nos faz questionar se estão mesmo falando do mesmo tipo de pessoa. Ainda, será que tal caracterização realmente reflete o Hipster? As razões que fundamentaram os critérios não estão claras e abre margem para dúvidas.

Uma terceira questão aponta para observações sobre alguns artigos que apoiaram suas afirmações em documentos midiáticos e outros artigos científicos. Uma primeira observação sobre o material da mídia é feita por Nordby (2013), o qual alerta para discussões enviesadas e reforçadoras dos estereótipos do Hipster.

Uma segunda observação diz respeito a esse material juntamente com os artigos, sendo eles fontes parciais. Seriam como relata Foucault (2013), construções simbólicas com caráter discursivo que carregam certas funções e valores sociais. As seções metodológicas dos artigos estudados não informam um cuidado específico para com tais propriedades, impedindo, nesse sentido, uma leitura balanceada das inferências sobre o Hipster.

Conclui-se que tanto a ausência de descrição metodológica quanto a fonte de dados observadas podem ter dado certo formato às leituras sobre o Hipster analisadas. Não está sendo defendido que os artigos estejam equivocados, mas que as opções adotadas (ou não descritas) interferem de maneira significativa no que se entende por Hipster. Tais constatações abrem caminho para se entender as contradições observadas, as quais pode ter surgido dos diferentes entendimentos dos autores.

Considerações sobre as lentes teóricas

A importância de se avaliar as lentes teóricas ocorre porque elas embasam as diretrizes que guiam a análise dos dados e suas consequentes conclusões (CRESWELL, 2014). A partir de agora destacaremos como certas escolhas orientaram determinados pontos de vista.

Um primeiro destaque se dá ao uso da teoria de Pierre Bourdieu (ARSEL & THOMPSON, 2010; MALY & VARIS, 2015; MICHAEL, 2015). Tal teoria parte de afirmações como a de que a sociedade é estratificada segundo determinados capitais (eg.: simbólico, econômico) que levam a disputas de espaços de poder (BOURDIEU,

2013). Tal visão fundamenta leituras como a de que o Hipster constrói uma imagem social não necessariamente verdadeira, mas apoiada em capital que a legitima, (Arsel & Thompson, 2010) ou baseada em uma legitimidade superficial (MALY & VARIS, 2015) – como foi dito na categoria descritiva Imagens fantasiosas, falsas ou estereotipadas.

O segundo entendimento a se destacar refere-se a lentes teóricas orientadas por paradigmas críticos ou pós-estruturalistas (HILL, 2015; MURPHY, 1990; CRONIN ET AL, 2014). Tais trabalhos se situam no paradigma radical humanista construído por Morgan (2005) e que orienta a visão do pesquisador para configurações sócio históricas de poder que influenciam no entendimento da realidade. Nesse sentido, o Hipster vem a ser entendido como descrito nas categorias do eixo Postura Política, sendo associado, por exemplo, a posições de resistência ou grupo marginalizado.

Ressalta-se ainda um terceiro ponto: os artigos que configuram o Hipster como um grupo de características uniformes (CRONIN ET AL, 2014; HENKE, 2013; SOUSA, 2016). Tais autores tratam do fenômeno como subculturas ou comunidades, atribuindo-lhes uma noção grupal homogênea – como destacado na categoria descritiva Organização a partir de laços ou padrões socioculturais. Considerações como essas acarretam explicações menos focadas na individualidade, perdendo detalhes desse tipo de comportamento.

De maneira análoga às escolhas metodológicas, o uso da lente teórica nos artigos estudados dá forma às considerações sobre o Hipster. Resta entender para que direção apontam as conclusões sobre o Hipster considerando as críticas feitas.

Conclusão sobre a construção do Hipster

A análise das configurações metodológicas e teóricas foram levantadas para entender as contradições que emergiram da análise dos artigos sobre o Hipster. Agora pode-se dizer que tais conflitos podem ter surgido devido ao descuido na programação metodológica; seleção de grupos diferentes considerados como Hipsters para efeito de entrevistas e observações; escolha de documentos midiáticos ou científicos com certos vieses; e determinadas orientações teóricas e conceituais que dão direcionamentos interpretativos que levam a diferentes conclusões sobre um mesmo objeto.

De maneira geral, o modo com que o fenômeno foi trabalhado nos artigos em questão nos levam à três conclusões. A primeira é a de que o Hipster não foi

devidamente identificado. O fato de as pessoas seguidoras do hipsterismo não se assumirem como tais levou a seleções precárias de pessoas a serem estudadas, levando muitas vezes a recorrer a estereótipos disseminados pela mídia. Em segundo lugar, tem-se o fato de que se procurou descrever como funciona a dinâmica social do Hipster, negligenciando o indivíduo, o que se mostra pelas leituras de subcultura e algumas considerações bourdieusianas. Por fim, houve uma tendência a se estudar o Hipster de maneira a desconstruí-lo, entender seu discurso e operação política, o que fica claro pelas lentes teóricas do paradigma radical humanista.

Diante disso é importante questionar: em que medida as conclusões analisadas sobre o Hipster são válidas? Considerando a imprecisão metodológica e as deduções relacionadas, é prudente um certo grau de ceticismo quanto a circunscrições teórico-conceituais demasiadamente específicas. Por outro lado, não é igualmente prudente ignorar todas as ilações feitas. Com base nas próprias categorias descritivas e nos artigos analisados, é possível notar que no nível das práticas as definições dos autores como hipsterismo tem bases sólidas dentro de suas propostas (apesar das imprecisões teóricas e metodológicas). A conclusão deste artigo é a de que existiram práticas culturais de consumo que se destacaram por questões tão diversas quanto foram as descrições das categorias aqui apresentadas. Assim, mesmo que não se estivesse falando do Hipster consensualmente, foram identificadas práticas culturais singulares, as quais contribuem para o entendimento sobre a cultura e o consumo de maneira mais ampla.

Em meio às críticas, uma contribuição das ilações sobre o Hipster: as práticas culturalmente soberanas

A convergência das diferentes práticas apontadas do suposto hipsterismo aponta para um comportamento múltiplo e que pode ser construído de maneira tão livre ao ponto de ir em direções opostas. Parte-se aqui do princípio de que existe certa precisão na definição e observação do Hipster, mas que o fenômeno é mais complexo do que os autores o entenderam. Os autores captaram de maneira simplificada a heterogeneidade do fenômeno, resultado em descrições que, quando postas lado a lado, se mostraram irreconciliáveis.

Na busca por uma reflexão mais adequada, vale mencionar um primeiro ponto trazido por Nordby (2013) que destaca que o suposto hipsterismo adota suas posturas

culturais simbólicas sem que ocorram imposições ou sucumbências involuntárias. Henke (2013) ressalta que a maneira com que o Hipster se contrói é por escolhas conscientes e livres, pode adotar elementos culturais de uma esfera social ou de outra, contrária ou distante, sem que barreiras sociais exteriores limitem suas escolhas. Essas barreiras podem ser vistas pelas piadas e estereótipos criados sobre o Hipster.

Nordby (2013) complementa que essa auto-definição não é aleatória, mas orientada por um descobrimento de si mesmo, de quem se é, e não de uma escolha fantasiosa, deslocada da realidade da própria intimidade. A autora ainda ressalta que existem fundamentos criativos na auto-construção do Hipster. A expressão do que ele é faz-se de maneira criativa, artística, utilizando toda a liberdade de usar elementos aos mais diversos de maneira inteligente a fim de atingir um nível alto de originalidade e, ao mesmo tempo, diversidade.

Com base nessas afirmações sobre essas práticas culturais, pode-se traçar uma conclusão sobre essa singular operação cultural – a existência de um comportamento que chamarei de Soberania Cultural, que se mostra como uma aptidão do indivíduo consciente se conhecer, se definir, expressar o que se é e viver autonomamente e criativamente. A maneira do Hipster operar permitiu enxergar uma soberania do indivíduo sobre o contexto que o cerca, podendo criar a si mesmo, superando a conformidade imposta pelo social e até mesmo, se apoiando nessa imposição para afirmar sua individualidade; a qual está baseada não apenas em uso elementos culturais, externos a si, mas na sua instância interna, consciente, íntima, ativa e inventiva. É esse comportamento singular que permite o Hipster ser observado e interpretado de maneira tão diversa, pois, tem a soberania e a não conformidade como pressupostos, permitindo se adequar ou não, se agrupar ou não, usar esses ou aqueles elementos, dessa ou daquela esfera sem as limitações tradicionais.

Pode-se utilizar de um neologismo a partir da ideia do *Do It Yourself (DIY)* – faça você mesmo – usado para caracterizar produções em que se independe de recursos ou técnicas de agentes limitantes, como coloca Dunn (2012); a soberania cultural mudaria os termos para *Be Yourself By Yourself (BYBY)* – seja você mesmo por você mesmo – e caracterizaria a produção da sua própria individualidade por si mesmo.

Considerações finais

Com base no que foi construído neste artigo, entendemos que o Hipster vai além da construção simplista e até mesmo jocosa dos críticos. É um fenômeno social complexo e impreciso; é também rico na medida em que gera descrições extensas e contribuições valiosas. Contudo, as leituras existentes permitem uma importante discussão que contribua no entendimento sobre as dinâmicas culturais e, também, aquelas pertinentes ao consumo.

Nordby (2013) faz esse alerta sobre as constatações sobre o Hipster. Segundo a autora, as publicações da mídia a seu respeito objetivam muito mais críticas e piadas do que, de fato, um entendimento sobre quem ele realmente foi. Diante de tal postura, pode-se especular sobre o que aconteceu. A má compreensão do fenômeno pela mídia e a criação de mitos que servem muito mais para cativar o público. Nesse sentido, o caso do Hipster aponta para o funcionamento de uma certa economia da informação que tem uma função baseada em normas ocultas. As matérias e notícias parecem operar como ferramentas de entretenimento em vez de criar dados e soluções dedicadas ao entendimento do que de fato aconteceu. A criação de personagens, narrativas e conexões lúdicas com o leitor ganha espaço e tem como frutos as descrições caricaturais do Hipster. Este comentário baseia-se nos indícios de uma primeira vista sobre o fenômeno via material da mídia e que foi mencionado nos artigos estudados.

O estudo de Nordby (2013) sobre o Hipster chama atenção ainda pela sua postura diante do fenômeno. Ela não parte do estereótipo Hipster e tenta entender o objeto a partir das discussões levantadas pelas publicações que já existiam ao seu respeito. Por se afastar de tal convicção enviesada, ela parece demonstrar uma lucidez escassa em vários artigos analisados e a partir disso, propor uma reflexão que avança no entendimento acadêmico sobre o Hipster. Essas considerações são feitas nesta seção do artigo para explicar de onde veio a inspiração e a inquietação que levou a revisitar o tópico e escrever este artigo. Para ilustrar tal consideração, seguem comentários finais da autora em seu trabalho:

America has a lot to learn from the hipsters. Hipsterism has grown in popularity because it is a counterculture in which “cool” is redefined as “different” and “original.” It encourages an attitude of continual creativity and reminds people their identity can be self-made, rather

than shaped through society's image. Hipsters prove that a person can be cool without being owned by brand names or spending large amounts of money—a fresh attitude when compared with the (over)spending mindset of Americans as a whole. Becoming a hipster is a journey of self-discovery that liberates people from societal expectations and teaches them to make their own tastes instead of deriving them from advertisements, the media, or peer pressure. All of these are reasons hipsterism is so “deck”³. (NORDBY, 2013, p. 62).

Com o discutido neste artigo e o comentário de Nordby arrematamos a nova interpretação dada para o hipsterismo. Configura-se como práticas de soberania de quem compreende bem as dinâmicas culturais. Não se trata de um substrato social errante, mas assertivo, jogando com os elementos culturais de maneira a manter sua integridade.

Referências

ARSEL, Z.; THOMPSON, C. Demythologizing consumption practices: How consumers protect their field-dependent identity investments from devaluing marketplace myths. In: **Journal of consumer research**, v. 37, n. 5, p. 791-806, 2011.

BINDERKRANTZ, A. Interest groups in the media: bias and diversity over time. In: **European Journal of Political Research**, v. 51, n. 1, p. 117-139, 2012.

BOURDIEU, P.; **Rethinking the Subject**. Routledge, 2018.

BOURDIEU, P; WACQUANT, L. Symbolic capital and social classes. In: **Journal of classical sociology**, v. 13, n. 2, p. 292-302, 2013.

CAVALCANTI, R. Hipster: caracterização bibliográfica segundo a cultura de consumo. *Temática*, v. 15, n. 6, p. 1-17, 2019.

CRESWELL, J. Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In: **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2010.

CRESWELL, J. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Penso Editora, 2014.

³ Tradução nossa: A América tem muito a aprender com os hipsters. O hipsterismo cresceu em popularidade por causa da sua contracultura em que o “descolado” é redefinido como “diferente” e “original”. Isso encoraja uma atitude de constante criatividade e relembra às pessoas que suas identidades podem ser feitas por elas mesmas, em vez de moldadas por meio de uma imagem da sociedade. Hipsters provam que uma pessoa pode ser descolada sem ser dominada por marcas e gastar grandes montantes de dinheiro – uma atitude revigorante se comparada com a excessiva e dispendiosa mentalidade dos americanos como um todo. Tornar-se um hipster é uma jornada de autoconhecimento que libera as pessoas de expectativas sociais e ensina a construir seus próprios gostos em vez de derivar de anúncios, da mídia ou pressão dos pares. Por todas essas razões o hipsterismo é tão “daora”.

CRONIN, J.; MCCARTHY, M.; COLLINS, A. Covert distinction: how hipsters practice food-based resistance strategies in the production of identity. In: **Consumption Markets & Culture**, v. 17, n. 1, p. 2-28, 2014.

DUNN, K. "If It Ain't Cheap, It Ain't Punk": Walter Benjamin's Progressive Cultural Production and DIY Punk Record Labels. In: **Journal of Popular Music Studies**, v. 24, n. 2, p. 217-237, 2012.

HIPSTERS. FLETCHER, D. Disponível em: <http://content.time.com/time/arts/article/0,8599,1913220,00.html>>. Acesso em: 1 fev. 2020.

FOUCAULT, M. **Politics, philosophy, culture: Interviews and other writings, 1977-1984**. Routledge, 2013.

GEERTZ, C. Thick description: Toward an interpretive theory of culture. In: **The cultural geography reader**. Routledge, 2008. p. 41-51.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

HENKE, K. Postmodern authenticity and the hipster identity. In: **Forbes & Fifth**, v. 3, 2013.

HILLS, W. A hipster history: Towards a postcritical aesthetic. In: **Critical Studies in Fashion & Beauty**, v. 6, n. 1, p. 45-60, 2015.

KURUTZ, S. Caught in the hipster trap. **New York Times**, v. 14, 2013. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2013/09/15/opinion/sunday/caught-in-the-hipster-trap.html>>. Acesso em 04 jan. 2020.

LACAYO, R.; BELLAFANTE, G. If everyone is hip..... is anyone hip? **Time**, v. 144, n. 6, p. 48-55, 1994. Disponível em: < <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,981219,00.html>>. Acesso em 04 jan. 2020.

LANHAM, R. **The hipster handbook**. Anchor, 2008.

LORENTZEN, C. Why the hipster must die. **Time Out New York**, v. 30, 2007.

MALY, I.; VARIS, P. The 21st-century hipster: On micro-populations in times of superdiversity. **European Journal of Cultural Studies**, v. 19, n. 6, p. 637-653, 2016.

MEDEIROS, Paulo Felipe Gonçalo et al. A influência da Geração Beat para o Jornalismo Literário. *Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte*, Manaus, AM, Brasil, 14.2015

MERRIAM, S.; TISDELL, Elizabeth J. **Qualitative research: a guide to design and implementation**. John Wiley & Sons, 2015.

MICHAEL, J. It's really not hip to be a hipster: negotiating trends and authenticity in the cultural field. In: **Journal of Consumer Culture**, v. 15, n. 2, p. 163-182, 2015.

MILES, S. The neoliberal city and the pro-active complicity of the citizen consumer. In: **Journal of Consumer Culture**, v. 12, n. 2, p. 216-230, 2012.

MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. In: **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 58-71, 2005.

MURPHY, J. The White Indian': Native American Appropriations in Hipster Fashion. In: **Unsettling Whiteness**. Brill, p. 127-138.2014

NORDBY, A. What is the Hipster? **Spectrum**, v. 25, p. 52-64, 2013.

PEREIRA, C.; SENA, E. O paradoxo hipster: sobre representações, publicidade e subculturas. In: **Alceu-Revista de Comunicação, Cultura e Política**, p. 107-119.2016

SOUSA, R. Me and You, We Could be Something for Real: Creating Authenticity since the First Hipster Generation. In: **International Journal of Culture and History**, 2016.

WAMPOLE, C. How to live without irony. **New York Times**, v. 17, 2012. Disponível em: <<https://opinionator.blogs.nytimes.com/2012/11/17/how-to-live-without-irony/>>. Acesso em 04 jan. 2020.

WEBER, M. **The Protestant ethic and the spirit of capitalism**. Routledge, 2013.